



TORNANDO-ME PROFESSORA COM O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Yasmim Marcela da Silva Costa¹
Thayse Carolina Ferreira Paraíso²
Ewerton Ávila dos Anjos Luna³

RESUMO

O presente relato tem como finalidade apresentar as experiências iniciais da minha formação docente com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES - UFRPE *campus* Sede, realizadas no período de novembro de 2024 até junho de 2025, destacando os desafios, as minhas impressões como bolsista e as atividades realizadas até o presente momento. Será feita a descrição do aprendizado adquirido através das formações, das observações de aulas e de toda a imersão vivida no cotidiano da escola, revelando a sua contribuição para a minha visão, relação e ação dentro da sala de aula. Ademais, o presente relato trará a descrição da minha primeira aula, detalhando o processo de planejamento e trazendo as minhas experiências práticas junto às teorias que aprendi formalmente na universidade, firmando uma relação entre linguística e prática pedagógica.

Palavras-chave: PIBID, Formação docente, Relato, Cotidiano escolar.

1. PALAVRAS INICIAIS

A partir das experiências e ações realizadas durante o primeiro semestre do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), vividas no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Pernambuco – IFPE e supervisionadas pela Professora Thayse Paraíso, este texto é composto pelos relatos de modo detalhado, relacionando a teoria estudada no ambiente acadêmico e impulsionada pelas formações oferecidas ao longo do Programa, com a imersão no cotidiano de uma escola técnica federal, encarando os desafios, os êxitos e as práticas docentes possíveis diante do cotidiano escolar.

1 Graduanda do Curso de Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, yasmim.costa@ufrpe.br;

2 Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, thayseparaíso@recife.ifpe.edu.br;

3 Professor orientador: Doutor em Linguística, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, ewerton.luna@ufrpe.br.





De acordo com Freire (1996), o chão da escola é o local da gênese do fazer docente, é onde a docência se manifesta de modo mais puro e verdadeiro, oportunizando ao professor compreender e viver a verdadeira face das práticas de ensino. Pensando nisso, é de extrema importância que o aluno de licenciatura esteja em contato com o ensino básico, e, o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência é uma maneira muito eficaz de oportunizar esse encontro.

Acredito que a experiência vivida no PIBID aperfeiçoou a minha visão diante das funções de um professor, pois, encarando a escola da perspectiva contrária, na posição de docente, agora não mais de discente, ficaram claras as situações antes não compreendidas. A vivência oportunizou refletir sobre aspectos pedagógicos discutidos em sala de aula na universidade.

Até então o PIBID tem contribuído não só para a minha carreira e construção da identidade docente, mas também no modo de me enxergar como pessoa e cidadã a contribuir ativamente para a sociedade, que eu acredito poder alcançar através da educação e do ensino de língua portuguesa, garantindo àqueles que têm seus direitos negados, acessos e oportunidades.

Este relato, sobretudo, visa socializar as atividades e experiências no PIBID/UFRPE, realizadas no período de novembro de 2024 até junho de 2025, que possibilitaram essa mudança substancial na minha formação docente. Para isso, a seguir, são trazidas algumas informações metodológicas e sobre a escola campo, bem como reflexões sobre as aulas observadas, os encontros para formação e a primeira aula regida.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

As atividades e experiências relatadas ocorreram no âmbito do PIBID/UFRPE, no núcleo de Língua Portuguesa - Sede, referente ao Edital CAPES n. 10/2024. Foram realizadas no período de novembro de 2024, início de vigência do Programa na referida instituição, até junho de 2025 (ressalto que, no presente momento - novembro de 2025 - sigo no Programa).

Inicialmente, a primeira coisa com a qual temos contato no PIBID é a escola campo, neste caso, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) *campus* Recife, localizado na Cidade Universitária. A escola foi fundada em 1910, pelo presidente Nilo Peçanha, a priori com o nome Escola de Aprendizes Artífices, visando à





formação técnica e mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, tendo em vista a possibilidade de industrialização do Brasil. Somente em 2008, no governo do Presidente Lula, passou a se chamar IFPE. Até os dias atuais a instituição preza por sua função profissionalizante, mas, com o passar do tempo, tornou-se também um ambiente que valoriza a verticalização, pensando no futuro dos alunos de uma perspectiva mais plural e ampla.

Atualmente, o IFPE busca trazer valores fundamentados em ética, igualdade e pluralidade, respeitando a dignidade humana e a cultura de paz, visando à formação de cidadãos profissionalmente e socialmente aptos, que cumpram seus papéis na sociedade. Além disso, a instituição demonstra grande respeito e responsabilidade com a democracia, a partir de gestão democrática ativa, prezando pela participação ativa da comunidade escolar para tomada de decisões, articulando ações pensando no bem comum.

A vivência no IFPE diferencia-se das escolas estaduais e privadas, visto que a ideia de liberdade e responsabilidade são aplicadas de modo mais intenso, oferecendo uma experiência próxima à da universidade ainda na escola. Um exemplo dessa realidade é a inserção frequente nas atividades de pesquisa e de extensão ainda no ensino básico, beneficiando positivamente a formação dos alunos, incentivando a escrita crítica e o fazer científico, além de valorizar a capacidade dos adolescentes, os tornando mais confiantes.

O corpo estudantil tem voz mais ativa, trazendo essa essência também para dentro da sala de aula, mostrando a importância de despertar o protagonismo, a alteridade e a autonomia nos alunos. Destaco, ainda, a diferença nas engrenagens administrativas: cada matéria tem sua própria coordenação, sala e comunidade. A sala dos professores de português, por exemplo, é como um grande QG da língua portuguesa, circulando profissionais com diversas especialidades relacionadas à língua e à literatura. Apesar de voltado principalmente para cada área de atuação em seus núcleos, o corpo docente se relaciona de modo harmonioso, apoiando-se em projetos e atividades, valorizando a multidisciplinaridade.

Destaco que, dentre as várias atividades realizadas no PIBID (algumas serão relatadas no tópico seguinte), estão: as formações oferecidas pela Coordenação Institucional e pela Coordenação da Área de Língua Portuguesa do Programa, além das ofertadas pela escola campo (IFPE); as observações de aula; a participação do cotidiano da escola através, por exemplo de seus eventos; e a regência de aulas.





3. VIVÊNCIAS DO PIBID/UFRPE NO IFPE

Pensando na minha experiência em si, a gênese de nossas atividades deu-se, principalmente, por meio das observações de aulas (anexo 1), que tem por função nos introduzir ao universo docente, possibilitando a análise dos métodos e dos processos desenvolvidos pelo professor supervisor, a participação e envolvimento dos alunos e toda dinâmica prática de uma aula de português no ensino médio.

As observações me permitiram refletir criticamente como pretendo trilhar meu caminho na docência. Pude perceber em aulas de literatura, momentos em que lemos e discutimos bastante. Concordo com Sírio Possenti (1996) quando afirma que o ambiente propício para ler e escrever é na escola, pois essas atividades são essenciais ao ensino da língua e tem capacidade de aproximar o aluno do nosso objeto estudo, e essa aproximação fica clara com a atitude mais positiva e participativa da turma nas aulas em que lemos e escrevemos. Para além das observações, as reuniões com coordenadores e experiências trocadas com colegas de PIBID têm sido muito importantes para o meu crescimento.

Outrossim, durante os meses de programa, foi possível participar de atividades extraclasse, como a visita técnica sobre barroco e rococó, que ocorreu nas ladeiras e igrejas de Olinda (anexo 2) e na visita guiada ao museu de Arte Sacra de Pernambuco, possibilitando aos alunos perceberem a estreita relação das artes visuais com a linguagem, elucidando para nós, professores em formação, a importância das vivências práticas no ensino de língua. E, ainda, ancorada nos pensamentos de Possenti (1996), partimos do pressuposto de que devemos proporcionar conhecimento principalmente daquilo que o aluno não sabe e não pode acessar tão facilmente, e esse tipo de prática me remonta essa ideia de apresentar e possibilitar aquilo que ainda não foi alcançado.

Além disso, houve a participação em eventos formativos que tratam de assuntos atuais e pertinentes à língua e ao seu ensino, a fim de tornar ainda mais completa e profissional a nossa formação. Como por exemplo: III Fórum Formativo *Conhecendo as matrizes curriculares do ensino médio do estado de Pernambuco*, ministrada por Rômulo Guedes, que nos oportunizou conhecer um pouco mais acerca dos documentos oficiais da educação do nosso estado; A trilha formativa *Práticas de Análise de Semiótica: reflexões sobre o ensino de leitura na educação básica*, ministrada por Profa. Dra. Paloma Borba (UFRPE), que nos





levou à reflexão acerca das práticas de ensino voltadas para a leitura, que vem se tornado um grande desafio para os docentes; e, devo destacar ainda a terceira trilha formativa, redigida pelo Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA/UFRPE), cujo tema foi *Diversidade linguística e ensino de língua*, trazendo discussões sociolinguísticas muito importantes, destacando a diversidade da nossa língua e maneiras de trazer essa questão tão pertinente para a sala de aula. Ademais, houve a abertura do projeto de extensão IFPE nota 1000 (anexo 6), que consiste em um curso preparatório para o ENEM, organizado pelos docentes do IFPE: Adriano Moura e Thayse Paraíso.

Por fim, gostaria de completar o meu relato com a exposição da minha intervenção em sala de aula (anexos 4 e 5). Segundo Zabala (1998), toda prática pedagógica requer um planejamento metodológico prévio, e, levando em consideração esse pensamento, eu e minha dupla de intervenção fizemos todo planejamento de nossa aula, destacando em nosso plano de aula (anexo 6) a metodologia, os objetivos, as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e os temas que seriam abordados. Além disso, houve ainda a preparação de material didático, um slide produzido por mim e pela minha dupla de intervenção.

A experiência não se concretizou exatamente como havíamos planejado, visto que a primeira turma, do curso de química - uma turma de terceiro ano de ensino médio - era pouco participativa e quase não interagiu aos nossos estímulos de debate, e a segunda turma, que é também do terceiro ano do ensino médio, mas do curso de saneamento básico, contou apenas com um aluno. Nossas aulas estavam sendo ministradas aos sábados, por esse motivo, muitos alunos não iam para a escola ou subiam a aula para o horário anterior, o que acarretou na aula individual. Essas situações são, por si só, um desafio e aprendizado, mas nos possibilitou perceber o poder da dinamicidade e da adaptação, enriquecendo a nossa experiência. A aula em questão foi sobre concordância verbal e nominal, conteúdo de gramática, que muitas vezes é apresentado sem levar em conta as suas aplicações diante da língua viva e de seus papéis sociais. Levando em consideração a afirmação de Geraldi (1997) afirma:

Estudar língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam através da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em determinada situação concreta de interação. (Geraldi, 1997, p. 44).





Nós tentamos ao máximo apresentar a linguagem além da regra, apontando as formas práticas e as manifestações da interação que se apoiam nesses usos, além de destacar a variação linguística que se faz presente nos contextos da concordância, trazendo para sala de aula não apenas a forma, mas também os variados usos e faces. A nossa proposta buscou adotar uma visão próxima a de Livia Suassuna (2011), que propõe uma visão ampliada da linguagem: não mais como código, para cujo domínio tenhamos que saber regras fixas, nem apenas um veículo do pensamento ou sistema, mas uma prática simbólica sócio-histórica, forma de ação entre sujeitos, um modo de construir identidade.

A nossa intenção é mostrar para os alunos que a língua nos perpassa em todos os contextos, que estamos sempre vivendo e nos posicionando no mundo através dela, na tentativa de aproximar esses estudantes e tornar o aprendizado mais interessante. Segundo Paulo Freire(1996), o educador democrático deve reforçar a capacidade crítica, curiosidade e insubmissão do educando, onde ensinar não é visto apenas como transferência de conteúdos, e o educador deve possibilitar a produção de condições em que aprender criticamente é possível. São esses pensamentos que norteiam as minhas práticas pedagógicas; busco sempre trazer a reflexão aos meus alunos, a fim de torná-los cada vez mais autônomos.

Essas conclusões foram possíveis e viabilizadas pelas observações de aula e leituras feitas ao longo do programa, que tem me ajudado a criar e transformar a minha maneira de ser professora. Penso que a identidade docente se transforma, se modifica e está sempre sujeita à transições, como uma ‘Metamorfose Ambulante’. Numa profissão em que a formação continuada é de extrema importância, que está em diversos ambientes sociais, econômicos e políticos, que enfrenta desafios novos a cada década, acredito que o profissional da educação esteja sempre num processo ativo de metamorfose, modificando-se, atualizando-se e se tornando sempre a sua melhor versão. A minha identidade docente é uma hoje e será outra ao fim do PIBID. O caminho a ser trilhado apenas começou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID tem contemplado e suprido todas as minhas expectativas, revelando-se um processo que me impulsiona a crescer não somente como futura professora de língua portuguesa, mas também como pessoa, pois como diria Paulo Freire: “Me movo como





educador porque primeiro me movo como gente”. (1996, p.106) E eu já sabia o quão importante é o ensino de língua portuguesa, mas o programa ampliou positivamente a minha perspectiva sobre isso, principalmente por ser realizado dentro de uma instituição de ensino público, que está cada vez mais precarizado e vem sofrendo com cortes, e por ter alunos de diversas camadas sociais, sobretudo do trato mais basilar da pirâmide.

O cenário atual da educação me faz acreditar cada vez mais na ideia de que adquirir conhecimento é adquirir acessos, cultura e capacidade de se posicionar no mundo, e essa é uma forma de tornar a sociedade mais justa, com equidade e respeito. Essa é a meta e o desafio que pretendo realizar: garantir, através da educação, que mais pessoas tenham acessos e oportunidades, formando alunos insubmissos e que pensem criticamente.

Muitas etapas do programa foram cruciais para o meu crescimento até aqui: o compartilhamento de experiências com colegas, coordenador e supervisora, as formações realizadas e principalmente a vivência na escola e na sala de aula, a imersão no ambiente e cotidiano do IFPE tem sido um grande desafio e um aprendizado ímpar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico Institucional – PPPI** (2009–2013). Pernambuco: IFPE, 2012. Disponível em: https://portal.ifpe.edu.br/o-ifpe/ensino/documentos-norteadores/projeto-politico-pedagogico-institucional-pppi-_2009-2013.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2002. 95p. (Coleção Leituras no Brasil)

SUASSUNA, Livia. **Ensaio de Pedagogia da Língua Portuguesa**. Petrolina: Editora Universitária UFPE, 2006. 220p. (Série Livro-texto; v. 2)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O Texto na Sala de Aula: leitura & produção**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.





BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

ANEXOS

Anexo 1: Observação de aula



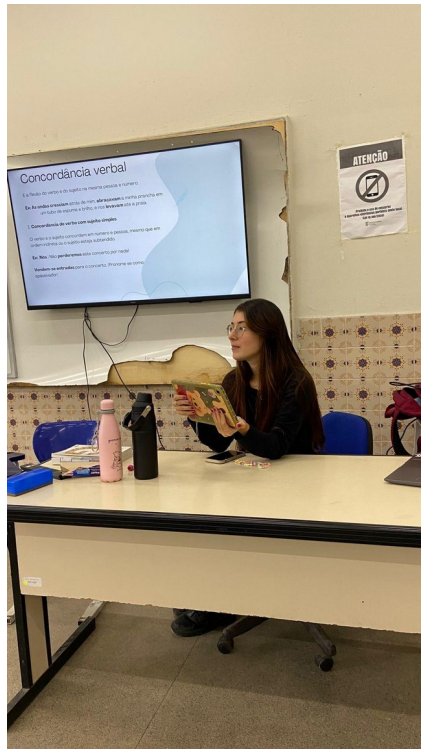
Anexo 2: Visita técnica sobre o barroco e o rococó



Anexo 3: Inauguração do IFPE NOTA 1000



Anexos 4 e 5: Intervenção sobre concordância verbal e nominal





Anexo 6: Plano de aula acerca da intervenção

Supervisora: Thayse Paraíso
Bolsistas: Letícia Amorim e Yasmim Costa

Concordância nominal e verbal

Série: Ensino Médio (3º ano)

Duração: 1 aula de 1:30h

Aula 1 – A concordância verbal e nominal em prática

Temas:

- Concordância verbal
- Concordância nominal
- Variação linguística e o uso da concordância no cotidiano

Objetivos:

- Refletir e entender o funcionamento da norma padrão
- Questionar os usos da norma padrão no cotidiano
- Analisar situações e frases que tratam de concordância verbal e nominal

Atividades:

- Jogo Quiz elaborado no Kahoot
- Conversa acerca da variação linguística, buscando discutir as questões sobre norma padrão e não padrão, levando em consideração a concordância

Metodologia:

1. Conceituação do termo e de suas aplicações através de aula expositiva
2. Conversa direcionada sobre os usos
3. Atividade de quiz em grupo

Habilidades BNCC:

EF04LP06: Identificar em textos e usar na produção textual a concordância entre substantivo ou pronome pessoal e verbo.

EF05LP06: Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração.

EF06LP06: Empregar adequadamente as regras de concordância nominal e verbal.

EF04LP07: Identificar em textos e usar na produção textual a concordância entre substantivo e seus determinantes (artigos, adjetivos e numerais)

